

A REPRESENTATIVIDADE DA CULTURA INDÍGENA KRAHÔ: uma análise do preparo do paparuto

Paulo Hernandes Gonçalves da Silva¹, Renato Yahé Krahô², Francisco Edviges Albuquerque³

¹ Doutorando do Programa de Letras e Literatura – Universidade Federal do Tocantins – Campus Araguaína – Professor do Campus Colinas do IFTO. E-mail: paulohg@ifto.edu.br

² Mestre em Letras e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins – Campus Araguaína. E-mail: jahhekraho@gmail.com

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense -UFF – Professor da Universidade Federal do Tocantins – Campus Araguaína. E-mail: fedviges@uol.com.br

Resumo: O povo indígena Krahô é formado por uma população de aproximadamente 3.118 pessoas, distribuídas em 29 aldeias, situadas entre os municípios de Goiatins e Itacajá, no estado do Tocantins, conforme o Distrito Sanitário Especial Indígena. (DSEI/TO, 2016). Por conseguinte, nesta pesquisa evidencia-se fragmentos da representatividade da cultura na aldeia indígena Manoel Alves Pequeno, descrevendo como se dá o preparo do alimento “paparuto” e a sua importância para a manutenção da língua e da cultura dessa comunidade minoritária, conforme observado em imersão na aldeia no período de 26 a 27/06/2017. A metodologia adotada no estudo foi a observação, ocorrida por meio da parceria entre o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI), da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e o Campus Colinas do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), bem como pela revisão de literatura, com base nos conhecimentos firmados por pesquisadores renomados na temática, com destaque para Albuquerque (2013), Araújo (2015), Braggio (1997) e Krahô-Yahé (2017). Dentre os resultados alcançados, tem-se a discussão sobre a importância de se descrever os elementos da cultura indígena que subsidiam a consolidação e preservação da língua do referido povo indígena.

Palavras-chave: cultura, indígena, Krahô, paparuto

1 INTRODUÇÃO

A população indígena Krahô, foco dessa pesquisa, é composta por uma ramificação dos povos Timbira, configurando-se como o grupo oriental, que se localiza à margem direita do Rio Tocantins, na confluência dos domínios do cerrado e do bioma amazônico. Nas prerrogativas de Rodrigues (1986), no tocante ao pertencimento linguístico, estes fazem parte da família Jê e do tronco Macro Jê. Geograficamente, estão situados na terra indígena Kraolândia, com uma área de 302.353 mil hectares, município de Goiatins, no estado do Tocantins, às margens do rio Manoel Alves Pequeno. (ARAÚJO, 2015).

No tocante à economia local, a comunidade da Aldeia Manoel Alves Pequeno sobrevive da agricultura de subsistência e, às vezes, com comercialização de artesanato, benefícios do governo federal e servidores públicos (KRAHÔ-YAHÉ, 2017). Do ponto específico da produção da agricultura, surge aqui a percepção de se abordar sobre o “paparuto”, um alimento tradicional do povo indígena Krahô, feito a partir da mistura de proteína animal e mandioca.

Retornando ao processo de autoconhecimento linguístico, os Krahô se denominam “mêhĩ”, sendo, portanto, um vocábulo designado a todos os povos falantes de sua língua e que vivem consoante a mesma cultura, e por isso, “mêhĩ”, num processo de evolução linguística, passou a ser associado aos membros de todo grupo indígena. Numa ampliação linguística, portanto, surgiu o termo “cupê”, que é atribuído como denominação a todos os não indígenas, conforme preceitua Albuquerque (2013).

Esta pesquisa, fundamentada na revisão de literatura, objetiva demonstrar a caracterização e a organização sociocultural, de forma resumida, da Aldeia Indígena Manoel Alves Pequeno, bem como a descrição do preparo do alimento paparuto, ocorrida em momento da Festa Tradicional da Batata, e assim, justifica-se por evidenciar a importância destes procedimentos culturais para a preservação da língua desse povo minoritário.

2 METODOLOGIA

A metodologia para esta pesquisa transcorreu por meio da observação e do processo descritivo de natureza qualitativa, respaldado pela revisão de literatura de referências bibliográficas atuais dessa temática de cultura indígena. A este respeito, Liebscher (1998), é enfático na afirmação de que métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação, como no caso específico de povos tradicionais, em que os processos culturais não se permitem ser mensurados de forma objetiva.

Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa é usada quando o entendimento do contexto social e cultural é um elemento importante para a pesquisa. Para aprender métodos qualitativos é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, sistemas e o processo cultural. E por isso, Flick (2011) evidencia a forma séria com que os objetivos do estudo deve ser relacionados para apresentar relevantes discussões ao problema, neste caso, espera-se como resultados e discussão os dois pontos básicos a seguir: a) a caracterização sociocultural da aldeia indígena Manoel Alves Pequeno por meio de texto descritivo com citação; b) a descrição do preparo do alimento paparuto, com reforço de fotografias e textos.

Considerando-se os encaminhamentos metodológicos de CELANI (2011), a natureza da pesquisa de observação, com seu caráter descritivo, permitiu que, a priori, fossem abordados os aspectos socioculturais relacionados a povo indígena, consubstanciado nos autores com relevância no tema, como Albuquerque (2013), Araújo (2015), Braggio (1997) e Krahô-Yahé (2017).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um questionamento importante neste estudo é o entendimento de como é percebida a alimentação para os povos indígenas no Brasil, consoante ao que Katz (2009) pesquisa com muita maestria nos países latino-americanos. Para a estudiosa, a situação dos indígenas se modifica bastante de um país ao outro, e os sistemas alimentares dos indígenas são tão diversificados quanto a sua organização sociocultural.

Desta forma, mesmo ocorrendo que parte da alimentação indígena foi integrada ao modelo nacional em alguns países, e ainda, valorizados na construção da identidade destas nações, nota-se entretanto que a comida dos índios atuais é desvalorizada e observada com certo preconceito.

3.1 A organização sociocultural do povo Krahô

Ao se tratar da questão organizacional quanto à sociedade e à cultura do povo Krahô, vale estabelecer que a relação entre mêmĩ e cupẽ (indígena e não-indígena, respectivamente), consoante a Melatti (1972), é superior a duzentos anos e, desse convívio, aconteceram grandes transformações, que permeiam desde a diminuição populacional, alteração na estrutura das casas, nas relações sociais, nos indumentários, na forma de alimentação, nos métodos de trabalho e até mesmo quando se observa o apagamento de rituais tradicionais.

Esclareça-se que para Da Matta (1976), a formatação da aldeia Krahô que ocorre numa configuração circular, é muito semelhante ao que ocorre em quase todas as aldeias do povo Timbira. À volta do pátio, posicionam-se as casas, de cujas entradas apontam, de forma radial, ruas até o centro do pátio. Cada casa normalmente abriga as mulheres que ali nasceram e os homens que, deixando as moradas de suas mães, vêm com aquelas se casar.

Os apontamentos de Krahô-Yahé (2017) evidenciam que conforme acontece em toda sociedade, as hierarquias e organizações sociais são muito bem definidas para o povo Krahô, uma vez que há uma escala de líderes e todos esses líderes passam de geração para geração ou ainda pelo espírito de liderança que se sobressai em algumas pessoas. A estrutura organizacional fica melhor definida conforme detalhamento a seguir:

A sociedade Krahô é dividida em duas metades sazonais: Catãmjê e Wacmêjê ou Kÿj Catêjê e Harã Catêjê. Essas nomenclaturas são dadas de acordo com a organização sócio cosmológica do povo Krahô, e estes representam cada clã, ou seja, cada partido. Wacmêjê representa o partido do verão, época seca e Catãmjê representa o partido do inverno, época chuvosa. E Kÿj Catêjê e Harã Catêjê são nomenclaturas dadas para as competições de corridas com toras. É por meio do

nome que recebe ao nascer, que se define a qual partido vai pertencer; se verão ou inverno. Os partidos são classificados assim: O Wacmêjê é o mesmo clã do Kÿj Catêjê e o Catâmjê é mesmo clã do Harã Catêjê. Nas competições de corridas com toras, cada indivíduo sabe o partido que pertence, lembrando que são por meio de nomes. “Eu por exemplo, me chamo Yahé, sou do partido do Wacmêjê que é do mesmo clã do Kÿj Catêjê e jamais ficarei fora das atividades do meu partido”. (KRAHÔ-YAHÉ, 2017, p.19).

Desta forma, observa-se que o relacionamento entre os partidos ocorrem de forma humanizada, em que os membros de cada partido respeitam os espaços, os seus deveres e as obrigações dentro da comunidade. Ressalte-se também, segundo Melatti (1976), que os Krahô possuem como símbolo sagrado uma machadinha de pedra e acreditam ser responsável por manter a harmonia e o respeito dentro da comunidade, e que em momento específico merece aprofundamento de pesquisa, conforme se observa na relevância da temática.

3.2 O preparo do paparuto na Aldeia Manoel Alves Pequeno

Retomando à questão da estrutura organizacional, esclareça que a importância do pátio para a comunidade fica evidenciada nas pesquisas de Krahô-Yahé(2017), Araújo (2015), Melatti (1972) e Da Matta (1976). O povo Krahô chama o pátio de cà, que se configura como o local em que com muita frequência acontecem os principais eventos da comunidade, bem como as tomadas de decisões por parte dos líderes e anciãos. Para esse povo, os mais velhos são bastante respeitados, já que estes que são responsáveis para cultivar, praticar e repassar as tradições, as memórias e a cultura indígena, bem como para organizar as atividades a serem realizadas em grupos.

Nesta perspectiva, o preparo do paparuto é feito coletivamente pelos indígenas, sendo a relevância do trabalho exclusivo da mulher, pois os homens são só ajudantes. Ressalte-se que o paparuto é um bolo cujos principais ingredientes são a mandioca e a carne, seja de caça, peixe, aves ou até mesmo a carne bovina.

Segundo EMBRAPA (2005), são encargos das mulheres: buscar a mandioca no cofô (balaio de palha); descascar; lavar e ralar para a obtenção da massa; ferrar o chão com folhas de bananeira para apoiar o serviço; carregar as pedras para fazer o moquém; fazer a mistura para ser cozido (assado); e organizar o embrulho para o cozimento junto ao fogo.

O detalhamento de como o paparuto é cozido no moquém fica mais evidenciado na Figura 01, a seguir:

Figura 01 – Colocação do paparuto para o cozimento no moquém



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Por sua vez, ainda segundo a EMBRAPA (2005), são atribuições dos homens, o auxílio às mulheres na retirada das folhas de bananeira, na busca das lenhas, no preparo do fogo e no enterramento do paparuto, conforme observado na Figura 02, que segue:

Figura 02 – Cobertura com terra para o processo de cozimento



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Após a análise dos elementos nas Figuras 01 e 02, vale a discussão, portanto, que o trabalho coletivo é muito significativo para a realização das festas, dos rituais e das diversas cerimônias desse povo tradicional, como no caso específico do preparo do paparuto, que segundo o costume, ocorre também dentro da Festa da Batata, melhor descrito por Krahô-Yahé (2017, p.49):

Essa festa é uma das principais do povo Krahô, sendo realizada todos os anos. A duração é de aproximadamente quatro dias, quando são realizados todos os tipos de manifestação cultural e é uma das mais completas que existe, envolvendo casamentos, corte de cabelos, pinturas corporal, corrida com toras, paparuto (bolo tradicional de mandioca), cantorias, danças e Hôxwa (palhaço tradicional Krahô). No primeiro dia é feita uma reunião, quando são decididas as medidas da organização da festa, pois se trata de um evento grandioso e importantíssimo, uma vez que dentro dessa festa as atividades são divididas entre homens e mulheres. Os Hôxwa vão para o mato cortar a tora da batata Jât jô pĩ. A função dos Hôxwa neste aspecto é especial, pois somente eles são responsáveis pela preparação da tora. E todas as mulheres da aldeia irão buscar os alimentos da roça como: batata doce, inhame, cará, mandioca e etc. A mandioca é para fazer paparuto servido na confraternização entre os noivados ou recém-casados. E cada família é responsável pela preparação do paparuto de novos casais, que seria uma oferenda entre as famílias.

Desta forma, substanciado por Melatti (1976) e ainda pela observação na aldeia Manoel Alves Pequeno, ressalte-se que no preparo do paparuto, as folhas de bananeira são organizadas no chão, no formato de uma cruz, sendo a massa de mandioca espalhada pelo seu centro. Em seguida, os pedaços de carne são colocados em cima da massa e depois cobertos com mais mandioca. As folhas são utilizadas para quando enroladas formarem um embrulho de forma quadrada, que após amarrado é levado para ser cozido do lado de fora da casa, a partir das dezessete horas. Na fogueira colocam pedras e quando estas estão bem quentes o embrulho é colocado sobre elas e coberto por mais pedras quentes, em cima das pedras colocam mais uma camada de folha de bananeira. Uma camada de terra cobre tudo isto, formando uma espécie de forno onde o paparuto irá cozinhar. A partir das cinco horas da manhã, o processo de cozimento é finalizado, sendo o paparuto descoberto e levado ao pátio da aldeia e repartido entre todos num processo muito interessante de pensamento e ação coletiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concessão para se adentrar em uma comunidade indígena já traz ao pesquisador a ansiedade e o expectativa de vivenciar o cotidiano do povo, na tentativa de que se permita maior interação (ABREU, 2000). A partir daí, a apreensão dos conhecimentos e das culturas se tornam

fortalecidos. E por isso, a entrada na aldeia Manoel Alves Pequeno é o principal mecanismo para que na imersão um material de pesquisa relevante possa ser produzido.

No aspecto cultural, conclui-se que eventos como a festa da batata, ao qual participamos, têm contribuído para a manutenção de outras tradições. Os adultos e velhos da aldeia manifestam a vontade de conservarem suas tradições, diante de um mundo tão modernizado e tecnológico. É necessário, portanto, um ponto de equilíbrio e conciliação.

O paparuto simboliza muito mais que um simples alimento para a população. Para os indígenas, os hábitos alimentares se tornam um dos marcos constitutivos dos grupos étnicos enquanto representações coletivas de sua tradição, de acordo com o que preceitua Weitzman (2013), inclusive, ao mesmo tempo em que seus significados se transformam ante os processos de interação cultural, e por isso, o alimento adquire um relevante significado, no que se entende por território e cultura.

O cuidado com a identidade e com a cultura de um povo é o mais importante na conclusão deste estudo, pois é necessário preocupar-se com a sustentabilidade e com a manutenção dos povos tradicionais e suas culturas, na essência de seu significado, e, portanto, o preparo do paparuto é um costume que deve ser preservado no cotidiano do povo indígena Krahô.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. **Capítulos de história colonial (1500-1800)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

ALBUQUERQUE, F.E. **Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais**. In: SILVA, Norma Lucia da & VIEIRA, Martha Victor (orgs). Ensino de história e formação continuada: teorias, metodologias e práticas. Goiânia: PUC, 2013.

ARAÚJO, M. A. A. **Eventos de interação nos rituais Krahô (Jê): contribuições para o ensino bilíngue na Aldeia Manoel Alves Pequeno**. Tese de Doutorado. Programa Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. 275 páginas. 2015.

BRAGGIO, S. L.B. **Proposta de formação de professores indígenas do estado do Tocantins**. Palmas: SEDUC/CEEI, 1997.

CELANI, M. A. A. **Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. Linguagem e Ensino**, Porto Alegre: Artmed, 2004.

DA MATTA, Roberto. **Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé**. Petrópolis: Vozes, 1976.

DSEI/TO. Distrito Sanitário Especial Indígena. **Atenção à Saúde dos Povos Indígenas - Caracterização e Estágio da Implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas**. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsapi>, acesso em 06jun2017.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **A preparação do Paparuto – Povo Indígena Krahô**. Organização de Miguelito Cawkre Krahô et al. Editora Embrapa Cerrados. Brasília/DF, 2005.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**: Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Penso, 2011.

KATZ, E. **Alimentação indígena na América Latina**. Editora Espaço Ameríndio. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 25-41, jan/jun. 2009.

KRAHÔ-YAHÉ, R. **Proposta do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual 19 de Abril**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Literatura. Universidade Federal do Tocantins. Araguaína/TO, 2017.

LIEBSCHER, Peter. **Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program**. *Library Trends*, v. 46. Spring 1998.

MELATTI, J.C. **O Messianismo Krahô**. São Paulo: Herder, 1972.

_____. **Corrida de toras**. In: Revista de Atualidade Indígena, Ano I, n. 1, pp. 38-45, Brasília: Funai, 1976.

WEITZMAN, R. **As práticas alimentares tradicionais no contexto dos povos indígenas de Minas Gerais**. Rio de Janeiro. Vol. 21, nº1, Revista UFRRJ - Estudos Sociais e Agricultura, 2013.